

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte m. forte)	3800	1800	650	120
Possessões ultramarinas (idem)	4000	2000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2500	—	—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 438

21 DE FEVEREIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

toda a gente que ia ali e que enchia o vastissimo campo, ia unicamente pelo interesse enorme que o Sport lhe despertava, e d'ali nasceu a idéa de organizar a valer as corridas de cavallos em Lisboa, de arranjar um longchamps no *Bom Succes-*

so. E imaginando que se benzia o Sport quebrou os narizes.

Desde o momento que começaram a ter a forma severa, o feitiço inglez, toda a burocracia do Sport se assim se pode dizer, as corridas deixaram de ser um divertimento para ser uma massada, e o publico que nos primeiros dias carreu avidamente ao Bom Successo, cheio de curiosidade, imagi-

nando ir encontrar um divertimento novo, aborreceu-se depressa, e as corridas foram cahindo em desuso, sem nunca conseguirem as honras entre nós de divertimento popular.

Agora, não sei se intencionalmente se por acaso, alguns rapazes elegantes da nossa sociedade lembraram-se de fazer voltar, as corridas de cavallos, á sua forma primitiva, e ao seu primitivo local, e o successo enorme que corôou essa lembrança deve ter-lhe mostrado que fizeram muito bem n'isso, que o publico gosta das corridas de cavallos, mas só ali no Campo Grande, que é um bello passeio, e sem bilhetes, sem tribunas, sem recintos de *pesagem*, sem costumes de jockey, isto é

sem nenhum dos matadores das corridas francezes e inglezes.

O publico tem razão?

Não tem?

Não sei, mas o que sei é que os proverbios não foram feitos por tolos, e que ha um d'elles que diz que cada terra com seu uso, cada roca com seu fuzo, e que o fuzo da nossa roca é assim.

Fôra d'essas corridas de cavallos no Campo Grande, não houve novidade importante em Lisboa.

Houve uma opera nova em S. Carlos, mas não se pode dizer que fosse novidade importante e entrará no seu logar nas noticias de theatros que nos ficaram atrazadas da chronica passada e que vamos hoje pôr em dia, rapidamente.

Começaremos pelos theatros portuguezes onde appareceu uma novidade, uma peça de Molière o que é sempre um acontecimento theatral de primeira ordem em todos os theatros do mundo e muito mais nos nossos theatros onde Molière não apparece muito a miudo.

A peça que o theatro de D. Maria deu no Carnaval foi a *Escola dos Maridos* traduzida excellentemente pelo illustre escriptor brazi-

## CHRONICA OCCIDENTAL

Vamos a liquidar hoje as contas em aberto na nossa ultima chronica, tanto mais que os assumptos d'estes dez dias nos permittem á vontade cumprir a nossa promessa.

Effectivamente estes ultimos dez dias não forneceram á chronica nenhuma novidade importante a não ser uma innovação nos costumes domingueiros de Lisboa, a escolha d'um novo sitio para passeio, para ponto de reunião dos lisboetas *qui s'amusement*: — o Campo Grande.

Essa escolha é de bom gosto, porque o Campo Grande é o passeio mais bonito que ha em Lisboa; mas não é uma novidade, pelo contrario, é uma reprise de moda antiga.

Ha muitos annos, antes de se estabelecer o *Hippodromo* no Bom Successo, o Campo Grande esteve durante numerosos Domingos, no galarim, apesar de n'esse tempo ainda não haver para ali todas as facilidades de comunicação que hoje ha.

Os *Sportmen* de Lisboa começaram aos Domingos a fazer corridas de cavallos no Campo Grande, na alameda occidental, ao pé do jardim e toda a gente elegante da capital principiou a frequentar o Campo Grande aos Domingos.

Essas corridas tiveram um grande successo, um successo grande de mais até, tão grande que as matou.

Morreram d'uma indigestão de exito, as pobres corridas de Cavallos! Imaginaram que,



D. AUGUSTO EDUARDO NUNES — NOVO ARCEBISPO D'EVORA

(Segundo photographia de Muniz Martinez)





erigiu no archipelago dos Açores, porque n'ella sobresaem ao mesmo passo a architectura regular e o bem acabado da obra de talha dourada nas capellas e retabulos.

Principiou a construcção do collegio da Horta em 1680, porem é certo que remonta a mais de cincoenta annos antes o pensamento de o levantar n'aquella villa, hoje cidade.

Referem antigas memorias que, tendo-se dado em 1624 serias desintelligencias entre o governador do castello e os capitães-móres da ilha Terceira, foram estes mandados a Lisboa, e coube ao capitão-mór da ilha do Fayal, Francisco de Utra e Quadros, exercer interinamente identico logar em Angra, onde permaneceu durante tres annos. Ahí tomou conhecimento com os jesuitas da metropole ou cabeça dos Açores e fez-lhes offercimento de terreno e dos meios necessarios para dotarem a sua patria com um collegio dos filhos de Santo Ignacio.

Francisco de Utra passou ainda a Lisboa, mas, regressando pouco depois á Horta, cuidou de dar execução á sua vontade, testando com sua esposa, D. Isabel da Silveira, a 25 de abril de 1634, boa parte de seus bens á Companhia de Jesus para esta fazer ali uma igreja, da qual se instituiram padroeiros, e um collegio em que se dêsse á mocidade a instrucção costumada: — portuguez, latim, philosophia, rhetorica e theologia.

Decorreram sete annos primeiro que chegassem de Angra dois padres que tomaram posse dos bens. Ou porque estes, como era natural, não fossem sufficientes para a projectada edificação, ou porque os jesuitas esperassem haver para o mesmo fim mais alguns recursos — que na verdade obtiveram das pessoas principaes da ilha e da administração do padroado — passaram ainda trinta e nove annos antes de começarem as obras do collegio, sob a direcção dos padres Manuel



O PRINCIPE BALDUINO LEOPOLDO FILIPPE DE FLANDRES

HERDEIRO PRESUNTIVO DO THRONO DA BELGICA—FALLECIDO EM 23 DE JANEIRO DE 1891

Fernandes e Pedro Lourenço Rebello, que tinham alcançado em 1638 uma provisão régia para importarem livres de direitos todos os precisos materiaes.

Durou longos annos a construcção do collegio e da igreja, que ainda estava por terminar quando, por effeito da lei de 3 de setembro de 1759, foram no anno seguinte expulsos os jesuitas da

Horta e levados para bordo da nau que os trouxe a Lisboa, com escala pela Terceira. A este proposito é curioso referir uma tradição, aliás sem nenhum fundamento, que ouvi da boca de algumas pessoas antigas da ilha: — «Ninguém soube mais dos jesuitas! Provavelmente, deitaram-nos ao mar!» — Em duas capellas não havia altares, e faltava dourar dois retabulos. O adro estava por fazer, e em vez d'elle via-se um monte de entulho que só em 1845 foi mandado remover pelo governador civil Santa Rita, que ordenou tambem a construcção das duas rampas que presentemente dão accesso á igreja e ao antigo edificio do collegio.

A despeza total feita com esse grande edificio subiu a 400:000\$ réis, pois, segundo affirma o sr. Silveira Macedo, «assim consta de uma memoria enviada pela junta governativa da Horta ás côrtes constituintes da nação em 1822».

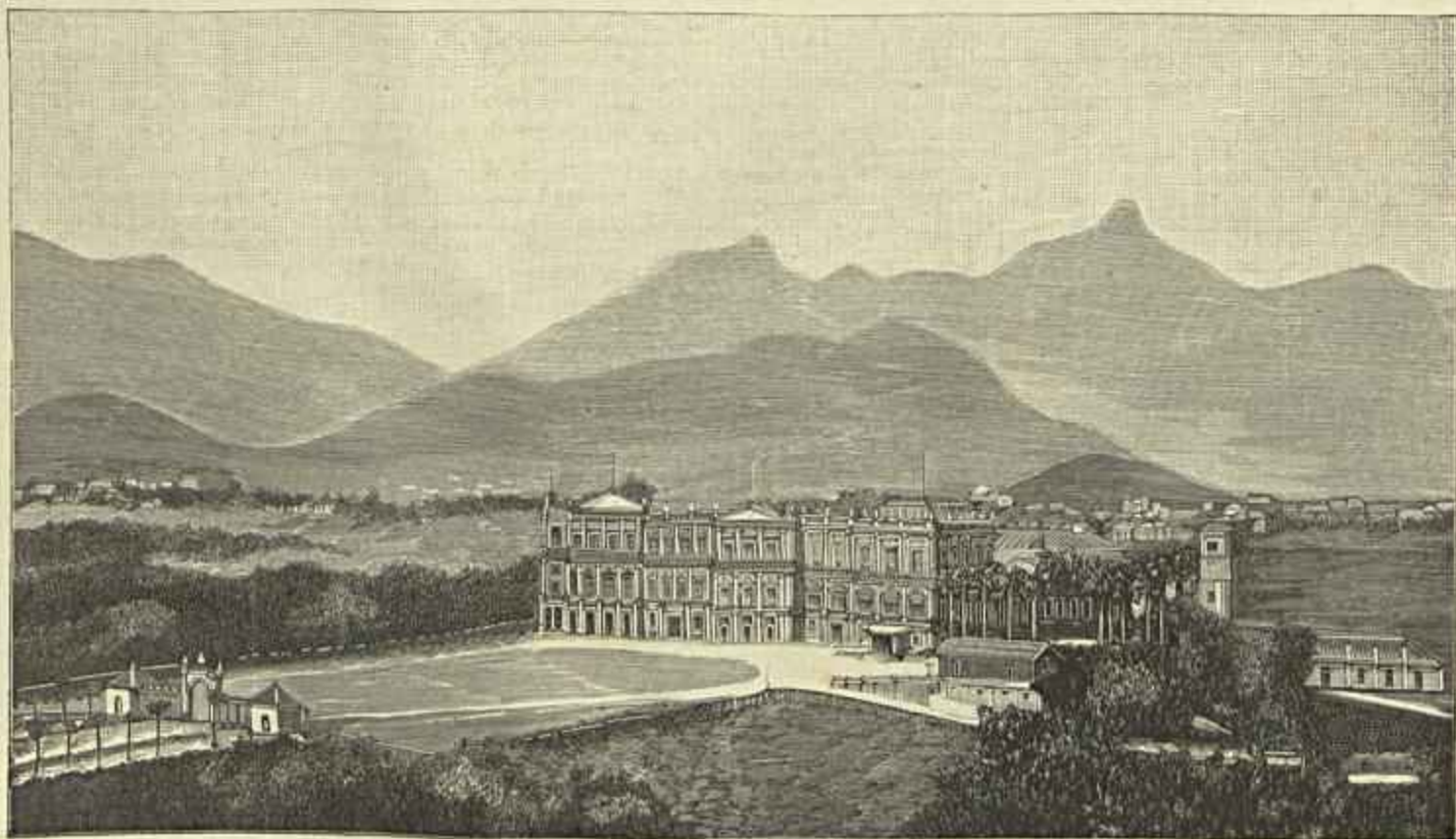
Situado no centro da cidade, e voltado para o mar, o collegio tem de extensão 121,2 metros, e a frontaria da matriz 27,2, e de altura 27,48 até á cimalha, d'onde se elevam as torres e o frontão com bellos ornatos. Interiormente, a igreja mede 38 metros de cumprimento, o cruzeiro 21,12 de largo, e o corpo da igreja 10,56.

E' do supracitado escriptor insulano a minuciosa descripção do templo que transcrevemos em seguida:

«A capella-mór é dedicada ao Santissimo Salvador, cuja imagem, na forma de um Menino Jesus, existe n'um elevado throno, deante de outro superior em que está uma respeitavel imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Reino, e aos lados em dois nichos Santo Ignacio e S. Francisco de Borja»

«A capella é toda guarnecida de finos azulejos»

\* Historia das quatro ilhas que formam o districto da Horta. Vol. I, pag. 132, nota.



BRAZIL. — O PALACIO DA BOA VISTA — ARREDORES DO RIO DE JANEIRO — ANTIGA RESIDENCIA DE VERÃO DO EX-IMPERADOR D. PEDRO II

(Segundo uma photographia)

onde se representam varios passos da vida de S. Francisco Xavier nas suas missões, tem no meio, dos lados, dois tumulos, mas só um completo, certamente destinados para os seus padroeiros, mas que d'elles se não utilisaram. Ficam ambos encobertos com o bello cadeirado que guarnece a capella.

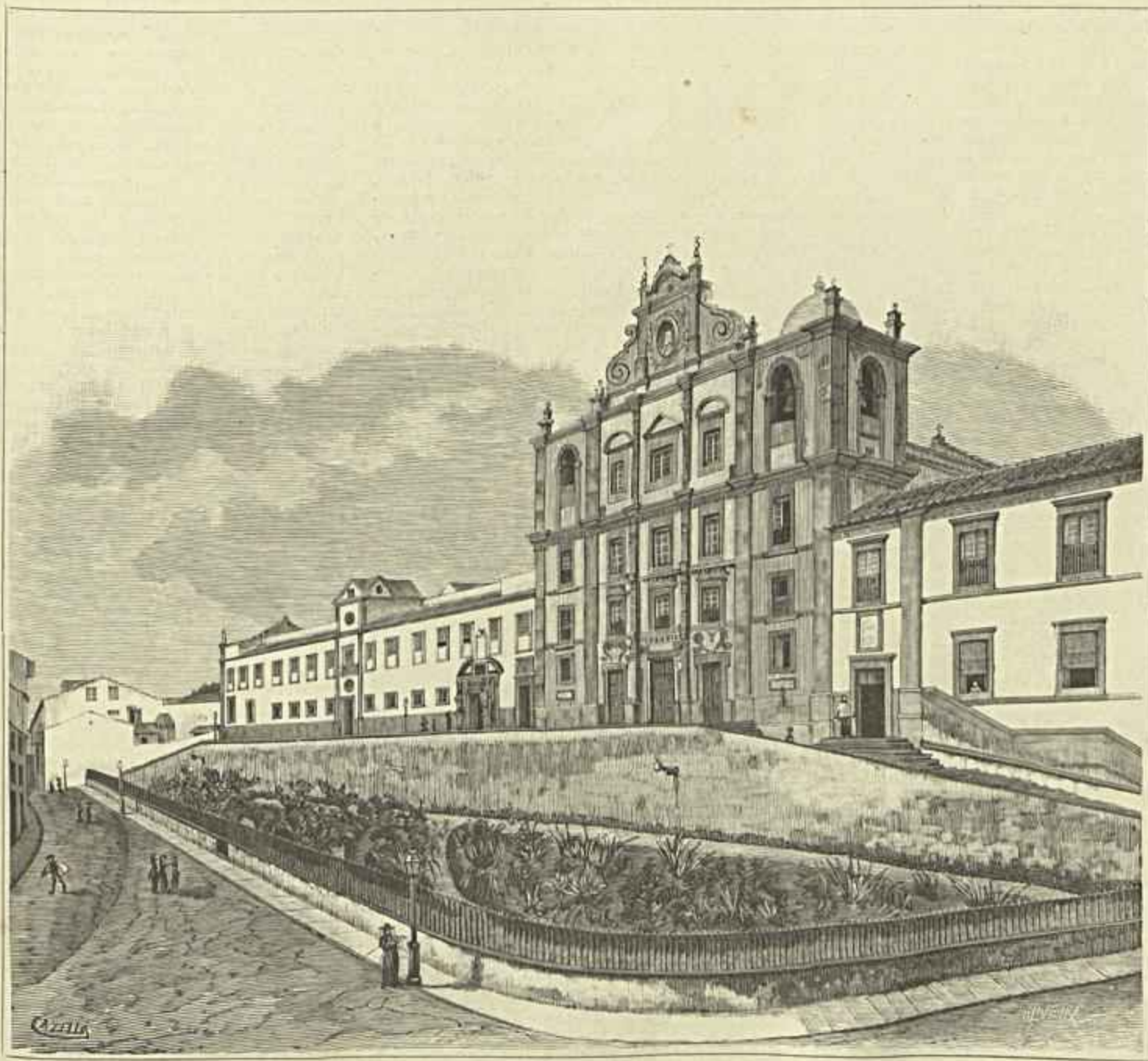
No meio da capella está uma rica estante de jacarandá, primorosamente esculpurada com numerosos florões e figuras de marfim engenhosamente embutidas, representando passagens da antiga escriptura, obra de um religioso franciscano, a cujo convento pertencia; finalmente em frente do altar está pendente uma bella e rica alampada

«Defronte d'este altar, do lado esquerdo do cruzeiro, está uma espaçosa e elegante capella construida em 1847 para deposito do Santissimo Sacramento.

«O corpo da igreja tem tres capellas por lado, a superior, da direita, é dedicada á Senhora da Boa Morte, cuja imagem está patente n'um tumulo sobre o altar, e em cima n'um elevado throno está uma rica imagem da mesma Senhora, mas já resuscitada, subindo ao ceo entre um côro de anjos, dois dos quaes a estão coroando. Aos lados do altar estão dois ricos quadros representando o mesmo mysterio da morte e resurreição da Virgem, obra de em imminente professor,

ja uma ordem de tribunas com elevadas portadas e gradeamento, e o mesmo succede na capella-mór de um e outro lado; sobre o arco da capella-mór está uma imagem colossal de Nossa Senhora da Boa Nova n'um nicho de pedra guarnecida de florões da mesma. Finalmente, o espaçoso e elevado côro da igreja assenta sobre duas columnas de pedra, da ordem toscana, cujos fustes d'altura de 4,3 metros constam de uma só peça.

«Aos lados da capella mór ha duas espaçosas sacristias, uma para os clerigos e outra para a irmandade do Santissimo Sacramento com espaçosos gavetões de jacarandá admiravelmente esculpados; e n'aquella está patente em um pe-



AÇORES — EGREJA MATRIZ DA HORTA

(Segundo uma photographia)

de prata em forma de lustre com seis luzes, que pertencia ao convento de S. Francisco do Caes do Pico.

«Aos lados da capella, em frente da entrada da igreja, ha dois altares dedicados, o da direita a Christo crucificado, e o da esquerda á Senhora do Rosario, cujas venerandas imagens estão n'elles expostas á veneração dos fieis, e em sua frente pendem alampadas de prata.

«Ao lado direito do cruzeiro está o magestoso altar de S. Paulo, digno de admiração pela perfeição do dourado, primor de esculptura e respeito que infundem as imagens do dito apostolo, do martyr S. Sebastião e de Santo Antonio que lhes ficam aos lados; tem da parte direita um tumulo onde descansam desde 1686 as cinzas do padre João Alves de Medeiros, seu protector.

como attestam todos os visitantes nacionaes e estrangeiros que os observam. Tanto o retabulo como o tecto de esta capella está maravilhosamente esculpurado e dourado com insigne perfeição; tem no meio uma sepultura em que jaz o padre Francisco Alves de Serpa, seu protector.

«A segunda capella é dedicada a S. Pedro *ad vincula* e a Santa Rita. A terceira capella de um e outro lado não tem ainda retabulos.

«Na capella superior da parte esquerda está collocado um coreto para a musica com um excellente órgão; a segunda é dedicada ao apostolo Sant'Iago e a S. Francisco Xavier, e na terceira está collocado o baptisterio, onde existe um grande e bello quadro representando o baptismo de Christo no Jordão.

«Por cima d'estas capellas corre em toda a igre-

queno retabulo dourado uma imagem de Christo crucificado, e em cima do gavetão estão diversos quadros com molduras perfeitamente torneadas, nas quaes se representam os importantes serviços prestados á christandade pelo grande S. Francisco Xavier nas suas missões da India.»

Finalmente, no antigo edificio do collegio funcionam actualmente a camara municipal, os tribunales judiciaes, commercial e administrativo, o governo civil, a administração do concelho, a conservatoria, as repartições de fazenda e dos pesos e medidas, a capitania do porto e o cofre central.

Alberto Telles.

## BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 436)

## V

Henri Heine denominou os dramas de Shakespeare de—*evangelho profano*: e com propriedade o fez. N'elles, observações ha por vezes, e até profundas, que na educação publica, decorrida uma certa idade, a sua leitura deveriam recomendar a aos moços. Julio Cesar, na tragedia, que se chama do seu nome, diz a Antonio: — «Porque não ha de haver sempre em torno de mim, homens gordos e de face corada, gente que durma denoite? Cassius, que vês lá em baixo, tem a figura terrosa e descarnada, pensa muito. Taes homens são perigosos.»

Porcia, filha de Catão, e mulher de Bruto, diz no mesmo drama: — «Tenho a alma de homem e a fraqueza de mulher. Oh! para uma mulher é bem sério guardar um segredo!» Outros ainda, além d'estes apophthegmas, colhidos na verdade da natureza e na dos acontecimentos, repetem-se e oppõem-se em toda a obra ingente do grande espreitador do coração humano. Por isto o traductor, que põe a claro qualquer das creações de Shakespeare, é sempre bem vindo. Aquelle pensador, que foi um poeta, foi igualmente um historiador e um philosopho; historiador não raro psychologo do que se passa n'um cerebro, na vida de um homem, nas secretas e publicas paixões, que dominam e regem uma sociedade, quer grande, ou pequena. Assim, as suas observações valem conceitos: — uma philosophia. E, porque ella afeição as cousas observadas, seus dramas, reaes e ideaes, são humanos, pois é o homem bifronte: — anjo e satyro. Traduzil-o puro, sem que a rhetorica do verso altere o semblante dos heroes, maiores que o natural pela grandezza da visão do poeta, — é trabalho de agra difficuldade. Parallelo á symetria da fórma, que o traductor hade empregar, e que é a da lingua em que escreve, e tem suas leis, está igualmente a sua indole, aqui a de um peninsular que, sem querer, traduzindo, não raro interpretando á luz do erudito, — pôde transverter em vez de traduzir.

Na versão de Bulhão Pato não se nos depara tal defeito. A indole do traductor e os modilhos da lingua portugueza lá veem; contudo, vestem e não disfarçam as figuras dramaticas, que vivem na traducção com a mesma poesia, que as anima na obra original. Já ellas vinham de uma velha historia italiana do seculo xiv, d'onde Shakespeare as foi trazer, quaes outros personagens da tradição popular, que nos apparecem nos contos do illustre Boccaccio. Mas o immortal escriptor inglez transfigurou essas creaturas com a muita luz do seu genio; e taes se encontram de igual energia na traducção do nosso poeta. No *Mercador de Veneza*, sua melhor obra, em verso branco, de vez em vez rimado, ahí se espraia, e desentola a lingua portugueza, magestosa, seria, corada de muito sol, cantando como é da sua estrutura, em voaes abertas; não obstante, em medida tão regrada, que os personagens, assim gesticulando e falando, não perdem o seu feiço nem a sua physiognomia. E melhor será que tirem a prova na leitura do livro Com effeito, depois da *Paqueta*, e das *Satyras, Canções e Idyllios*, é o *Mercador de Veneza* a composição litteraria de Bulhão Pato, a que ha de ficar para a maior affirmacção do seu talento. Folgamos de dizel-o, que hoje, com os poetas e escriptores, dá-se o mesmo que nos acontecimentos da historia: — o espirito de partido desnatura os factos, para os arranjar ao proprio sabor, e consoante as razões que necessita aduzir. Assim, ao presente, são de urgencia os documentos, para repór a verdade. Eis por que hemos citado os livros de Bulhão Pato, e dito quaes os de per si só e sem mais companhia lhe dariam honrada reputação sem favor algum. Depois, discurrer e fallar de poetas e escriptores portuguezes, temol-o de rego-ijo n'este patz, onde agora tudo sacrificam á politica. Aqui, o que não é politico, é ninguem. E assim, não temos nem arte, nem poesia, nem escriptores nacionaes. A sêde de governar a todos eivou, porque só o poder, ainda que aggreddido, traz o prestigio, a consideração e os commodos. Retroceder, seria de conveniencia, porque um dia pôde luzir em que os politicos, seja-lhe qual for a provinda, só governarão — *zeros!* Mas, a ninguem se lhe dá. Nós proprio, que tanto escrevemos e sentimos, seremos apontados

«A' justa indignação de honrados animos.»

Embora. Quando ninguem fala, fala o silencio; e este é como a sombra, o valhacouto de crimes. As

nações decahem, se só teem politicos e não teem escriptores.

Mas... voltemos ao assumpto.

## VI

Bulhão Pato, des que ouviu lá nas montanhas vasconças, toques de clarim a rebate, os sabres darem voz de commando, o tambor rufar á carga, avançarem as bayonetas, até hoje, em que, nevado dos annos, se esconde no Monte de Caparica, na paz silente que precede o declinar ao tumulo, n'este intervalo do tempo, o nosso poeta nen sempre produziu livros ou versos; e n'aquelles que editou, ainda que abundantes de recordações, lembranças e affectos, nem sempre escreveu de si por tal arte, que d'ahi lhe possamos copiar por inteiro o semblante. Para tanto seria necessario, além da consulta de suas *memorias*, escutal-o na conversa intima ou familiar, á mesa festiva e afestuada de flores, ou na brilhante assembléa, iluminada e repleta de escolhidos e numerosos ouvintes. Então sim; ergue-se-lhe a estatura em boa luz, e anima-a a eloquencia de sua poesia, que tanto mais sobe, quanto mais convencida ou indignada. Então sim; no trato intimo, social ou publico, é que elle nos apparece o grande poeta que é: — improvisador audaz, cheio de graça, delicadeza, abundoso nas imagens, nos gestos, fazendo seus a admiração e o respeito, pela novidade de suas phrases sonoras, cantadas, a vestiram conceitos felizes de termos figurados. Então é que o retrato do poeta fica perfeito, indelevel na lembrança dos que se encantaram, escutando-o, captivos de sua palavra pittoresca, apaixonada, que melhor valia, por certo, n'um parlamento, mas que é sempre festejada, acatada, nas conferencias de uma festa de caridade, ou nos congressos de uma academia.

Foi de tal modo, antes de o saber poeta, que eu o conheci, a este feiticeiro da palavra. Foi em Coimbra, quando a cidade, revolta de alvoroco, recebia em jubilos, festiva, o principe Humberto, hoje rei na Italia. Foi então, em a noite de 22 de outubro de 1862, e no Theatro Academico; e era a casa ajoreada de luz, flores, risos e mulheres moças, e os estudantes frementes de entusiasmo por terem allí no seu theatro, adereção das côres de Portugal e Saboya, o primogenito do caudilho ardente da unidade italiana. Foi essa a vez primeira que de perto o conversei. Com a presença do principe Humberto revivia em todas as lembranças a tragedia d'aquelle ultimo decennio: — a republica romana (1849); as victorias de Magenta e Solferino (1859); a conquista das duas Sicilias (1860); o parlamento de Turim (1861), quando se viram de frente os dois homens que então preocupavam as chancellarias das côrtes: — Cavour e Garibaldi; depois a morte do insigne Cavour, sentida por tantas casas illustres da Europa<sup>1</sup> e pela democracia italiana. Tudo era vivo então, pois um academico, Fialho Machado, apparecera no palco a recitar versos de Anthero do Quental, que evocavam todos esses brilhantes phantasmas da gloria. Que noite, e que de saudades! Bulhão Pato tinha 33 annos, e havia publicado o seu primeiro livro de versos, onde, na invocação a Helena, vibram todas as cordas do alaude romantico. Nos serões de Xavier Perestrello, em o palacio gothico de D. Maria Telles, lhe escutámos a recitação harmoniosa; no convivio de José Dias Ferreira e Antonio Ayres de Gouveia, a sua conversa extraordinaria, que era do actor, do orador, do cantor e do poeta. Igualmente a nós, outros moços de então, rapazes e raparigas, o ouviram e festejaram em todas as provincias de Portugal, e maxime nas duas Beiras. E lá o diz elle:

«O outomno vinha o entrar e desde a primavera Que a nossa Beira alpeste em volta eu percorrêra.»

Ahi foi visto, rodeado das moças louças d'aquelle provincia cortada de montanhas, conversar, interminavel, persuasivo, ao lumé da classica lareira portugueza. Ahi foi visto, nos jantares alegres, homericos, dos anniversarios de familia, erguer-se inspirado, e fazer chorar os convivas, enternecidos. Depois, inquietando as lebres

<sup>1</sup> O conde Camillo de Cavour, talento *hors ligne*, resumia tradições, que de per si só engrandeceriam a outro qualquer. Filho dos marquezes de Cavour, sobrinho da duquesa de Clermont-Tonnerre, tio da marquez de Alfieri, combatêra como soldado pela causa italiana; e em Novara lhe ficou morto um sobrinho (Alberto de Cavour) com 18 annos. Respeitado na Europa como estadista, no Piemonte era popular como agricultor, philantropo e viajante illustre. Havia estudado na Inglaterra o governo constitucional; e acima de tudo fora o politico das doutrinas economicas.

na extensa viziça, ao lado do bom morgado cavalgador, e pugando, qual outro rapsodo, a hospitalidade com seus cantos. E até certa menina, a flor da casa, quiz fugir com elle, levada do estrô do poeta, enlevada no seu olhar brilhante e melancolico, tomada de suas affirmações imaginosas, que tudo e a todos punham captivos de seus ideaes ancantadores. E elle, de lhe beijar a mão respeitoso, e levando-a a sua mãe — ficava, dizia: aqui demora a felicidade e eu sou um peregrino.

«Inda uma vez adeus! Cansado peregrino,  
Antes de posto o sol, vou-me chegando ao lar.  
Vou sereno e feliz, que o riso chrystalino  
De vosso casto amor me vem acompanhar.»<sup>1</sup>

Ficava, dizia; e logo de apparecer em saião brilhante, illuminado, em noite de festa beneficente, a pedir em estrophes harmoniosas, ou em discursos inspirados, a favor dos pobres, a quem elle dava, o prodigo! mais que os outros, o extranho capital da sua palavra eloquente. Tal o conheci; e tantos outros o conheceram e applaudiram, victoriando sua conversa e discursos.

E agora eu vejo, quanto agradecimento não é de devido a este rapsodo, que, percorrendo as provincias de Portugal, por todas ellas ia espalhando as novas ideias litterarias, a nova paixão politica, conquistando a sympathia e a admiração para os heroes das luctas partidarias, para os seus livros, orações, leis, reformas, *gestos e feitos*. Os moços que o ouviram, e é o auctor d'estas linhas um d'esses, todos podem testemunhar, qual o calor, e convencimento da sua palavra, que sempre era attinente a exaltar os homens e as cousas da revolução liberal. Por isto, por sua eloquencia e convicções, duas vezes o convidaram a ser deputado, e duas vezes o poeta recusou. Não quiz, e bem procedeu. Os oradores são necessarios, quando na arena parlamentar se digladiam principios; quando se cria uma constituição; quando se defende um paiz; quando estão de frente e se medem torvos *hontem e hoje*; quando um chefe se chama legitimidade e o contrario revolução; quando os interesses combatem os sentimentos. Então os oradores são combatentes; a voz traduz-lhes o convencimento, a bandeira, a paixão, o seu partido. Quando d'isto nada existe, quando não ha virtude politica que ligue os homens, nem verbo que lhes inflamme a palavra, nem causa que a discipline, — adveem as facções, os multiplices chefes, o fogo de guerrilhas, a instabilidade dos governos. O que representam? O que são? Quem os apoia? Em nome de quem governam, e de que partido? N'este barulhar de feira, o unico orador seria um Tacito ou um Juvenal; mas cahiria na irrisão, por singular. E depois, e por isso mesmo não constituiria auctoridade, governo; nada lhe valeria o ser politico, orador, soldado combatente.

O poeta recusou, e fez bem.

(Continúa)

Conde de Valenças.

<sup>1</sup> *Satyras, Canções e Idyllios.*

## SCENAS BURGUEZAS

(Continuado do n.º 437)

## VI

## UM SONHO

A *soirée* terminára depois de Florencio recitar algumas poesias *de seu tempo*; do general Accacio relembrar a tomada de Covêlo, da D. Genoveva orar sobre diversos assumptos, e de Anna de Athayde, vigiar, na sua qualidade de mulher de trinta annos, os amores que adivinhava pairando sobre a Emasita e o Mario...

Estas reuniões eram, como dizia o general-conselheiro, muito sinceras. Tão sinceras que ninguem imaginava poderem ser nocivas.

Despediram-se todos de Florencio Carrilho, de D. Joaquina, da Ema, da Gina e da D. Genoveva que se deixou ficar em casa dos Carrilhos.

Mario Guerreiro ao retirar-se lembrou a si mesmo que era preciso acabar com uma situação que se ia tornando perigosa para ambos, sentia já que vivia tão completamente da presença de Ema que já lhe não era possível trabalhar, os livros mostravam-lhe um tão confuso saltar e barulhar de letras que as palavras se tornavam inintelligiveis



## RESENHA NOTICIOSA

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE. — Partiu no dia 11 do corrente a bordo do vapor *Loanda* com destino a Moçambique o segundo troço da expedição militar composta de parte do regimento de infantaria n.º 1, sob o commando do major João de Jesus Feijão com os seguintes officiaes: capitães, Chant Narchial de Carvalho, Antonio de Macedo Osorio, Primo José da Rocha e João Barbeito da Silva; tenentes, Joaquim José Ferreira da Cunha, Ramiro Augusto de Macedo, José Maria Soares Junior e Antonio Pereira de Barros; alferes, Carlos Alberto, Alberto A. Cardozo, João Maria Ribeiro da Cruz, Manoel Antonio Fernandes e Antonio Claudio d'Abreu e Almeida; o capellão, Francisco Baptista Leitão e o cirurgião-mór, José Guilherme Baptista.

Cerca das 11 horas da manhã chegaram ao Arsenal de Marinha as forças expedicionarias, que eram esperadas pelo sr. Infante D. Afonso e grande numero de officialidade do exercito e da armada. No Arsenal tocava a charanga dos marinheiros.

O embarque fez-se em boas condições e os soldados iam alegres.

Sua Alteza o sr. Infante D. Afonso foi depois a bordo do *Loanda* onde se demorou até quasi o vapor largar da amarração, o que teve logar ás 3 horas em ponto.

Grande numero de pequenos barcos cheios de gente rodeava o *Loanda* e quando este largou poz-se tambem em marcha a flotilha que o acompanhou até á barra, composta dos seguintes vapores: *Victoria*, conduzindo a Sociedade de Geographia, imprensa e familias dos expedicionarios; *Guadiana* com o sr. ministro da marinha e pessoal superior do Arsenal; *Lidador* com a Sociedade da Cruz Vermelha e alguns membros da imprensa; *Conductor* com os socios da Liga Liberal e *Sado, Bom Successo, Cabinda, Voador*, etc. conduzindo muitas pessoas ao bota fóra do *Loanda*.

Em Paço d'Arcos parou o *Loanda* para receber varios volumes de material de guerra da Escola de Torpedeiros, sendo seguido até á barra pela flotilha, onde se deram as ultimas despedidas, retirando rio acima todos os vapores á excepção do *Victoria*, que acompanhou o *Loanda* até Cascaes.

Por todo o caminho se repetiram as mais entusiasmaticas ovações aos expedicionarios, a que elles correspondiam de bordo do *Loanda* accendendo com lençoes; em terra por toda a margem do rio o povo agglomerava-se para ver passar a flotilha e acenava e dava vivas aos expedicionarios. Em todos havia evidentes signaes de satisfação apenas cortados por uma ou outra mulher, que entre lagrimas dizia adeus a algum filho que ia na expedição.

O *Loanda* passou á vista de Malta e d'ali se receberam noticias, em data de 17, dizendo que tudo ia bem.

CHEGADA DA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE. — Recebeu-se em Lisboa noticia de ter chegado a Moçambique o *Malange* a bordo do qual foi o primeiro troço da expedição militar. Todos estavam bons e os expedicionarios tinham passado tres dias em terra sem febres. A expedição seguia para os pontos a que era destinada.

REVOLTA MILITAR DO PORTO. — Tem continuado os interrogatorios dos presos que sobem a mais de 600. Concluiu no dia 16 o auto de corpo de delicto e conta-se que os conselhos de guerra comecem a funcionar no dia 25 do corrente.

Tem sido dirigidas a El-rei grande numero de felicitações, pelo malogro da revolta e protestos de fidelidade ás instituições, pela maior parte das camaras municipaes do paiz e outras corporações officiaes e particulares.

Entre as mensagens dirigidas a Sua Magestade distingue-se a da camara municipal do Porto pela

sinceridade com que felicita El-rei fazendo sentir ao mesmo tempo as causas que determinaram a revolta filiadas sem duvida na má administração dos negocios publicos, notando ainda a necessidade de moralisar essa administração em todos os seus ramos, como o unico meio de sustentar as instituições e de todo o paiz estar satisfeito.

A esta mensagem, apresentada a El-rei pelos membros da camara do Porto, respondeu Sua Magestade que estava em pleno accordo com o que a vereação portuense lhe lembrava e que era seu proposito a fiel observancia das leis e a boa administração publica, economica e austera, como fundamento moral das sociedades bem organisadas, e se ainda não tinha mostrado toda a sua dedicação pela patria, era isso devido ao pouco tempo da sua vida de rei assombrada por acontecimentos de que lhe não cabe a responsabilidade, mas de que sente, como os que mais sentem a triste e dolorosa significação.

MARQUEZ DE RIO MAIOR. — Falleceu no dia 4 do corrente o sr. Marquez de Rio Maior Antonio de Saldanha de Oliveira Juzarte Figueira e Sousa.

morte se extinguisse o seu representante e por isso, não tendo filhos do seu matrimonio, nomeou herdeiro universal a seu sobrinho o sr. João de Saldanha Oliveira e Sousa primeiro filho do sr. José de Saldanha Oliveira e Sousa, seu irmão.

CONDE DE ALTE. — Falleceu no dia 16 do corrente o antigo diplomata e par do reino, sr. Conde de Alte João Carlos da Horta Telles Machado da França.

O sr. Conde de Alte nasceu a 6 de agosto de 1810. Foi ministro plenipotenciario de Portugal junto ás côrtes das Duas Sicilias e da Sardenha; par do reino tomou parte activa em muitas discussões importantes na camara alta.

Era um excellente character altamente estimado e a sua morte foi muito sentida.

REAL GYMNASIO CLUB. — Houve uma esplendida *soirée* na segunda feira de entrudo n'este club.

Foi uma festa brilhante como costumam ser todas as festas d'esta elegante sociedade. Agradecemos o convite.

## EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO BIHÉ



O CAPITÃO COUCEIRO

(Segundo uma photographia)

primeiro marquez d'este titulo por mercê d'El rei de 19 de maio de 1886 e quarto conde de Rio Maior.

Era o fallecido, homem de grande illustração, e por vezes desempenhou cargos publicos com notavel competencia.

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado em diferentes legislaturas, e presidiu por duas vezes ao municipio de Lisboa. Em 1881 foi convidado a tomar a pasta dos negocios estrangeiros, no ministerio formado por Antonio Rodrigues Sampaio, cargo que declinou. Exerceu por alguns annos o logar de provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, deixando boa memoria da sua esclarecida administração; era vogal do conselho geral de beneficencia.

Official-mór da casa real, exerceu por muitos annos o cargo de mestre salão, 19.º senhorio do morgado de Oliveira, da Azinhaga e dos bens da commenda de Santa Maria d'Africa de que era o ultimo usufructuario. Era commendador da Condição, Gran-Cruz das Ordens da Roza do Brazil e de Leopoldo da Belgica, da Corôa de Italia e de S. Gregorio Magno.

O sr. marquez de Rio Maior era neto de um irmão do marechal Duque de Saldanha. Sendo o ultimo morgado de sua casa, não quiz que por sua

Recebemos e agradecemos:

Publicações da Companhia Nacional Editora. — *A musica sem mestre*. Fasciculo n.º 17. Preço 100 réis.

*Astronomia popular*, de Flamarion. Fasciculo 56. Preço 80 réis.

*A Terra Illustrada*, por O Reclus. Fasciculo 45. Preço 100 réis.

*Julio Verne — Cesar Cascabel*. — Edição illustrada, caderneta n.º 29. Preço 50 réis.

*A Capa do Diabo*, por Ortega y Frias. Caderneta n.º 24 (folhas 12 a 17, 2.º vol.). Preço 60 réis, edição illustrada.

*Apostolado de Jesus Maria José*. N.º 12, contendo dois lindissimos chromos, e uma gravura em aço, separadas, e uma gravura em madeira impressa no texto. Preço 100 réis.

*Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Vol. 189. *As Epopeas Homericas*. Preço 50 réis.

*Julio Verne*. — Edição popular aos volumes. Vol. 60.

*Fôra dos eixos*. Vol. br. 200 réis, cart. 300 réis.

*Orlando Furioso*, de Ariosto, illustrado com as celebres composições de G. Doré. Fas. 36. Preço 200 réis.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, fundada em 1875.** 9.ª Serie n.ºs 2, 3, 4 e 5 cujo summario é o seguinte: O ultimatum britannico, correspondencia expedida e recebida pela Sociedade de Geographia de Lisboa, relativamente ao ultimatum dirigido ao governo portuguez pelo inglez, em 11 de janeiro de 1890; No mez de fevereiro, de março de abril

e de maio; actas das sessões de 7 e 21 de janeiro, 4 de fevereiro, 7 de março e 1 de abril de 1889. N.º 6 com os seguintes artigos: Expedição ao Cubango (1889), relatório do capitão Arthur de Paiva; actas das sessões de 1 de abril (conclusão), 6 de maio, 3 de junho, 4 e 11 de novembro de 1889.



## Capas para encadernação do «Occidente»

Conforme os mais annos esta Empresa fornece capas espeziaes, em percaline com ornatos a ouro fino, para encadernação dos volumes do OCCIDENTE.

Ha capas para todos os volumes desde o volume de 1878 até 1890.

Preço de capa 80 réis franco de porte.

Tambem se recebem volumes para encadernar n'estas capas, tanto de Lisboa como da provincia.

Preço da capa e encadernação 1200.

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores  
Rua Nova do Lourico 25 a 45